

AS VÁRIAS VEZES QUE ME PINTEI POR AÍ: UMA ANÁLISE SOBRE AUTORRETRATO

The many times I painted myself around: an analysis of self-portrait

Maria Betânia e Silva¹
Beatriz Costa da Silva Silvestre²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar e analisar autorretratos realizados entre 2016 e 2021, com o intuito de tecer uma reflexão sobre processo criativo e de memória. Na primeira parte, o debate aborda o autorretrato e o contexto histórico, com atenção especial ao final do século XIX e início do XX. Em um segundo momento, a discussão se centra no que define o autorretrato, o que envolve seu processo criativo e de como a memória influencia em sua produção. Para a finalização, a partir dos autorretratos, foi feita uma análise, pensando principalmente sobre o processo artístico e criativo envolvido em cada um deles.

Palavras-chave: autorretrato, processo de criação, artes visuais, memória.

Abstract: *This work aims to present and analyze the self-portraits made by me, over the years from 2016 to 2021, to weave a reflection on the creative process and memory. In the first part, I discuss the changes in the self-portrait throughout the history of art, with special attention to the late 19th and early 20th centuries. And in a second moment, I discuss what defines the self-portrait, what involves its creative process, and how memory influences its production. To complete this research, I present self-portraits made between 2016 and 2021, and based on them an analysis was made, thinking mainly about the artistic and creative process involved in each of them.*

Keywords: *self-portrait, creation process, visual arts, memory.*

¹ Doutora em Educação pela UFMG com estágio sanduíche na École Normale Supérieure de Paris. pela UFPE. Desenvolve pesquisas com as temáticas da memória; formação docente; história do ensino de arte; práticas pedagógicas em arte.

² Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

Autorretrato e seu contexto histórico

A autorrepresentação esteve presente desde a pré-história. O ser humano sente a necessidade de marcar a sua presença no mundo. Contudo, não precisamos ir tão longe na linha do tempo para estudar o tema. O autorretrato, como o conhecemos, surgiu como uma derivação do retrato na qual o artista retrata a si mesmo. Segundo Abreu (2011), a reflexão feita pelo artista a partir do autorretrato é de que ao fazê-lo, reflete sobre si, na construção de sua imagem, tornando imperativa a autoanálise. Então, desde o Renascimento florentino aos dias atuais, inúmeros artistas pensaram em autorretrato e exploraram seus rostos.

Como consequência da revolução industrial e grandes avanços tecnológicos, tanto no que se referia à fotografia, quanto à produção das tintas, foi possível libertar-se das amarras impostas pelas academias de arte, visto que não havia mais sentido em manter apenas uma pintura naturalista idealizada. Essa maior liberdade artística teve como consequência o surgimento de novos movimentos artísticos, chamados de vanguardas. Por mais que esses movimentos tenham trazido um frescor para as artes, com novas iconografias, o autorretrato insistia em se repetir entre cada uma delas, o que nos evidencia a amplitude e a particularidade do tema.

Dentre os vários movimentos que poderiam ser citados, o Pós-Impressionismo não era de fato um movimento. Esse surgiu muito tempo após a morte daqueles pintores considerados pós-impressionistas, decorrente de uma exposição organizada por Roger Fry (1866-1930). De acordo com Gompertz (2013), Fry procurou um denominador comum entre os quatro artistas expostos: Seurat, Van Gogh, Cézanne e Gauguin. Afinal, anteriormente, Seurat e Van Gogh haviam sido denominados neoimpressionistas; Cézanne já havia sido, de fato, impressionista; e Gauguin aderira o movimento simbolista. Porém, seus estilos pictóricos tinham se desenrolado de maneiras tão distintas que eles tinham cada vez menos em comum.

Uma forte particularidade de Van Gogh era sua ambição como artista. Ele dizia que, ao olharem seus quadros, desejava que o dissessem o aquele homem sentia profundamente, e assim o fez. Como consequência desse anseio, Van Gogh é frequentemente confundido por expressionista, também por ter várias similaridades com tal movimento. Sobre autorretrato, Van Gogh apresenta uma extensa produção. Em muitos casos, era por falta de dinheiro para pagar diferentes modelos; mas, não se pode negligenciar a sensibilidade dessas obras, de acordo com Maia (2018):

Em cada autorretrato ele confirmava a necessidade contínua de exploração de aspectos de seu ego, numa busca incessante da sua própria identidade. Sua tela era não apenas o espelho no qual se interrogava, mas também um laboratório, um terreno de experiências, no qual adotava técnicas em função dos sentimentos que vivenciava. (Maia, 2018, p. 22).

O Expressionismo teve grande força na Alemanha e, de acordo com Ferraz (2015), a influência do Impressionismo deu o tom ao movimento de libertação do Romantismo nas artes plásticas. Além de as descobertas feitas pelos impressionistas sobre a luz e cor como forma de expressão e da libertação da representação naturalista do tema tratado, rejeitando a verossimilhança, contando com movimentos gestuais mais livres para o artista, trouxeram novos ares para o movimento artístico alemão.

Como maior referência pré-expressionista, temos o pintor norueguês Edvard Munch (1863-1944). Munch viveu uma vida de muitos infortúnios, o que acabou por influenciar a extensão de sua obra, que refletia uma enorme angústia e solidão. De acordo com Bortulucce (2008) Munch utilizou seus conflitos interiores como matéria prima de sua arte, e incluiu a representação de si mesmo em muitas de suas pinturas. Esses dois artistas, Van Gogh e Edvard Munch, influenciaram de forma direta a percepção artística e a produção pessoal apresentada neste texto.

Quando me percebi estampada em diversas superfícies

Em princípio, não percebia minha produção como autorretrato, pois, como não tinha conhecimento técnico de desenho, não era capaz de fazer uma representação fidedigna de mim. Por mais que fossem imagens muito próximas de mim, não encaixavam na descrição de autorretrato que tinha em mente, que era ainda muito engessada a uma noção de um desenho naturalista do retratado. Com o tempo, vim a entender que não era isso que definia e delimitava a linguagem. Diferentes pesquisadores tratam desse assunto, como Canton (2002, p. 22), quando nos diz que “O autorretrato é a afirmação do artista em sua condição única de criador de sua própria imagem.” A partir dessa afirmação, pode-se perceber que, atualmente, a definição e a ideia de autorretrato é muito mais ampla do que um dia já foi.

A consequência imediata, para a minha produção artística, é de que uma parte significativa dela, desde 2016, poderia ser entendida como uma extensa série de autorretratos. O autorretrato ganhou uma nova amplitude a partir dos movimentos artísticos modernos, e, por isso, de acordo com Hall (2005), pode-se dizer que o autorretrato não se configura apenas como uma representação de si, mas como uma forma de representação da própria identidade. É possível perceber como essa linguagem artística aparece, atualmente, com o intuito de reafirmar o indivíduo e, afinal, o que nos é mais familiar do que nós mesmos?

Partindo desse questionamento, e da realização do que poderia ser um autorretrato, ou, no mínimo, uma autorrepresentação, desenvolvi uma produção extensa e, em muitos momentos, até mesmo compulsiva. Como primeiras referências no tema, tive Van Gogh e Munch, que conheci em sala de aula, durante o Ensino Médio. As distorções na anatomia, as cores intensas e a forte expressividade de ambos os artistas os destacaram para mim dentre os demais: eu queria ser capaz de reproduzir, sozinha, o sentimento que tinha ao olhar para aquelas obras.

Outro nome que me marcou muito, naquele momento, foi o de Anita Malfatti. Especialmente, porque teve como provação enfrentar as duras críticas feitas por Monteiro Lobato à sua exposição em 1917. Recordo-me de me apiedar dela e, por tanto temer a rejeição, me ver refletida em sua imagem em diversos momentos de insegurança.

Esses artistas serviram de norte para meus trabalhos iniciais e passei a explorar todas as possibilidades de autorrepresentação que conseguia conceber, porém, naturalmente, fui me voltando para o retrato, pois a face sempre me fora mais fascinante. Dessa forma, quando Abreu (2011) afirma que o artista, ao fazer um autorretrato, reflete sobre si, na construção de sua imagem, torna-se imperativa a autoanálise; tudo pareceu corroborar com minha produção. À distância, posso perceber que, durante um longo período, eu reproduzia uma imagem idealizada de mim mesma, já que, vistos de hoje, aqueles desenhos dificilmente refletem meus traços e expressões. Contudo, essa idealização não estava sempre trabalhando em favor de um embelezamento estético, pois, em diversos momentos enfatizava defeitos em favor de um sentimento ou sensação – o que também era consequência de uma imagem pessoal distorcida, que dificultava o entendimento das minhas feições. Abreu também fala sobre isso quando diz:

Através do autorretrato o artista se apresenta, se exterioriza, ele se diz presente no seu mundo, que pode ou não, dependendo de sua poética, coincidir ou ter relação com o mundo real e concreto. O artista materializa a sua identidade no autorretrato, revela o que imagina ser, o que deseja e pretende ser. (Abreu, 2011, p. 1).

A partir dessa indagação, vi-me revisitando essas imagens que havia feito há tanto tempo. Esses autorretratos tornaram-se um diário visual de minhas inseguranças, medos e até mesmo dos traumas que carrego.

Com isso, volto para a fala de Hall (2005), quando afirma que o autorretrato, na atualidade, é, antes de tudo, uma reafirmação do artista como indivíduo. Ele abre margem para um novo entendimento do que

pode ser um autorretrato. Foi mais ou menos nesse momento de entendimento do meu processo criativo que pesquisei e estudei sobre o trabalho de Frida Kahlo. Quando vi a extensão de sua produção e, no momento que vi seu rosto repetidas vezes em seus quadros, me senti vista. Kahlo afirmou que pintava a si mesma porque era sozinha e porque era o assunto que melhor conhecia; nesse momento, Frida não só se afirmou como artista, mas se declarou tema a ser trabalhado.

Foi nesse período de inúmeros aprendizados e de grande interesse no assunto que tive consciência de que existe um processo criativo. Por mais que a criatividade seja uma habilidade, como qualquer outra, por muito tempo, acreditei que era um dom, algo que nasce com você, e que eu, particularmente, não carregava dentro de mim. Porém, fui percebendo um padrão em meu processo criador. O processo criativo é um procedimento individual, que opera entre consciente e inconsciente, Jung (2011) diz que:

O processo criativo consiste (até onde nos é dado segui-lo) numa ativação inconsciente do arquétipo e numa elaboração e formalização na obra acabada. De certo modo, a formação da imagem primordial é uma transcrição para a linguagem do presente pelo artista, dando a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado. (Jung, 2011, p. 83).

Por um gatilho externo, que não me recordo qual, resgatei memórias há muito guardadas, as quais colocaram em perspectiva as poucas certezas que tinha de mim. Ao ocupar o lugar de vítima, encontrei-me encurralada. Nesse momento, o único caminho à minha frente era um lápis e um papel. Retomei as referências artísticas que já admirava, e busquei “exatamente” o que admirava nelas: era a capacidade de cada uma de exorcizar seus demônios por meio da arte, e decidi tentar. Em relação a essa colocação, Ostrower (1978) afirma que:

Os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição. [...] toda experiência possível ao indivíduo, também a racional, trata-se de processos

essencialmente intuitivos. As diversas opções e decisões que surgem no trabalho e determinam a configuração em vias de ser criada, não se reduzem a operações dirigidas pelo conhecimento consciente. Intuitivos, esses processos se tornam conscientes na medida em que são expressos, isto é, na medida em que lhes damos uma forma. (Ostrower, 1978, p. 10).

Corroborando com o que Ostrower diz, pode-se pensar nas inúmeras questões da pintura como o próprio objeto de estudo. Jacinto (2013, p. 49) levanta, justamente, essa discussão, ao dizer que “a qualidade de um desenho, de uma pintura, depende em muito da quantidade e extensão de invisível que instauram”, ou seja, da mesma forma que Ostrower afirma que parte do processo criativo é inconsciente, Jacinto nos diz que a maior qualidade que a obra pode ter é aquilo que é invisível, e que, por isso, é também – consequentemente – inconsciente. A partir disso, podemos perceber a amplitude do termo autorretrato, e tudo aquilo que ele abrange, além de ser uma produção que leva consigo muito da memória e vivências do artista. Com isso, vi a necessidade da reflexão sobre a influência da memória no processo criativo.

Lembranças, e tudo que fiz a partir delas

Quais partes de mim eu estou disposta a mostrar? Qual é a imagem que eu quero usar para me representar? Quais são os meus limites entre privado e público? Esses foram questionamentos que surgiram ao longo dessa pesquisa e durante a produção dos autorretratos aqui apresentados.

No momento que decidi desenhar e, posteriormente, pintar aquilo que me afligia, expus dentro do meu imaginário experiências, memórias, que não havia colocado sequer em palavras, na esperança de, possivelmente, ressignificá-las. Por isso, pude perceber que o imaginário das minhas produções sempre esteve centrado na memória, e na reflexão acerca disso. Segundo Gusdorf (apud Hervot, 2013, p. 104) a memória é “uma

espécie de retrato do que somos, composto com as características do que éramos”. Partindo desse princípio, então, as memórias não representam acontecimentos que cruzaram nossa vida, mas aquilo que somos, e o que “já fomos”.

A memória interfere, direta e indiretamente, nas produções artísticas. Canton (2000, p. 52) diz que “a memória corporal se torna um bem valioso e incomensurável de riquezas afetivas que o artista desnuda e oferece ao espectador com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário”. Nesse sentido, Jardim (2017) discorre que, em diversos momentos, aquilo que foi vivido precisa ser escavado para, então, revelar camadas mais profundas, assim, dizendo que tem que ser processado para ser transmutado. Jardim também comenta quem ao expor obras que advêm de sua vida pessoal, aquilo que é privado se torna público. Entretanto, temos que levar em consideração que a obra tem o poder de transcender as delimitações da experiência do artista, do particular, e ser ressignificada pelo espectador.

A partir disso, senti uma necessidade interna de parar e analisar os autorretratos produzidos até aqui. Selecionei obras dentro do recorte temporal dos anos de 2016 a 2021. 2016 foi o começo de minha produção artística, mesmo que, inicialmente, longe da academia, além de fator determinante para o entendimento das obras atuais. Decidi apresentar um número de obras entre os anos, a fim de oferecer um *insight* por cada etapa, sem criar uma hierarquia dentre as produções e seus processos.

Durante o ano de 2016, a maioria das minhas produções eram relacionadas ao estresse vivido pela conclusão do Ensino Médio. A expectativa pela nota do Enem, além da incerteza do ano que se seguiria, influenciou, de forma direta, naquilo que desenhava, afetando até mesmo a seleção da paleta de cores da maioria das obras, além das composições barulhentas que conversavam com o caos que se passava em minha própria cabeça. Durante o ano, tive inúmeras crises de ansiedade e, por um longo período, tive certeza de que a minha vida inteira seria assim.

Desenhar era uma válvula de escape enorme, e isso refletia, diretamente, na minha produção. As texturas marcadas, as palavras, a repetição de cores; tudo isso refletia um descompasso interno. Apesar dos inúmeros problemas enfrentados naquele momento, foi um período de descobertas, pois foi ali que consegui dar um primeiro passo para um possível encaminhamento no desenvolvimento de uma poética.



Figura 01: Invisível, a autora, 2016. Fonte: acervo pessoal. Pintura com pinceladas marcadas. A maior parte da imagem é em tons escuros e pretos. Há uma figura central, toda em branco, longilínea, em plano médio, com cabelos pretos longos, apenas com os olhos desenhados com dois pequenos círculos pretos. Em segundo plano, há oito figuras vestidas de preto, também em plano médio, olhando em várias direções, com cabeças feitas por fortes pinceladas em marrom claro, sem detalhes dos rostos e sem cabelos.

Essa pintura surgiu durante algumas reflexões sobre o meu valor. A sensação que tive, por muito tempo, era a de que eu seria invisível aos olhos dos outros. Também foi minha primeira experiência com tinta acrílica, e acredito que muito contribuiu para a construção da imagem, mesmo que as pinceladas marcadas nas figuras em ocre fossem incidentais, elas funcionam, ao criar maior textura e contraste com a figura central.



Figura 02: Caos, a autora, 2016. Fonte: Acervo pessoal. Pintura de busto de mulher branca de cabelos longos vermelhos desenhada com finas linhas pretas. A parte de baixo do busto encerra-se como se derretesse e escorresse, suspensa no meio da pintura. O rosto mostra apenas boca e nariz, sugeridos por linhas curtas. No lugar dos olhos, há um espaço vermelho, da mesma cor da área que circunda da cabeça. Depois dessa área, o fundo do resto da pintura é preto. Tanto na área vermelha dentro e fora do rosto quanto na parte preta da pintura, há dezenas de linhas de texto com letras manuscritas em círculos que se expandem do centro da pintura. As letras das áreas vermelhas são feitas em preto e das áreas pretas são feitas em branco.



Figura 03: Abraço, a autora, 2016. Fonte: Acervo pessoal. No centro de uma forma geométrica preta de diversos lados, feita com pinceladas fortes, uma figura em vermelho e preto, com olhos sugeridos por grandes círculos brancos e boca por traço que atravessa horizontalmente a cabeça, com corpo e cabeça cobertos por tracejado preto e vermelho, olha em nossa direção e abraça uma figura branca de longos cabelos vermelhos.

Esse desenho corresponde ao ápice da minha ansiedade; as palavras vinham em um turbilhão, me desnortando. Além de ter sido parte fundamental na série que produzi, na época, em vermelho e preto. O fundo preto completamente chapado destaca as palavras, e o formato circular que elas seguem cria uma espiral, representativa da sensação de entrar em espiral, em que se perde a consciência entre inúmeros pensamentos intrusivos.

O desenho intitulado “Abraço” surgiu a partir de uma crise de ansiedade, quando me sentia extremamente sufocada. Nunca decidi o que, realmente, era essa figura que está mais atrás. Em alguns momentos, era a personificação da minha ansiedade, em outros, representava aquele que me agrediu durante a infância. Produzi uma quantidade significativa de pinturas e desenhos com essa figura, e ela, constantemente, mudava de significado, porém, carreguei-a comigo por bastante tempo. Os fortes contrastes entre preto e vermelho tentavam representar o desespero daquele abraço indesejado, independentemente de quem fosse.

Passei um trimestre morando na Nova Zelândia, com o intuito de aprimorar minha proficiência em inglês, e, por mais que tenha sido um período incrível, com memórias e experiências que levarei para a vida toda, em diversos momentos, me senti incrivelmente sozinha. Em decorrência da diferença de fuso horário, de 16 horas, o contato com família, namorado e amigos era escasso, e, em meio a inúmeras piadas de que eu “vivia” no futuro, precisei aprender a lidar com a minha própria companhia, coisa que nunca havia precisado fazer por tanto tempo. Além do amadurecimento, aprendi a conviver comigo.



Figura 04: Me sentindo azul, a autora, 2017. Fonte: Acervo pessoal. Busto de figura branca de cabelos curtos escuros feita com linhas pretas marcadas sobre fundo branco coberto por círculos feitos com zigue-zague de linhas azuis grossas.

A expressão “*feeling blue*” foi o que me inspirou para produzir esse desenho. Pela associação da cor azul com o sentimento de tristeza, comecei a explorar, com mais frequência, a cor e suas tonalidades, apesar de ainda não ter abandonado o vermelho. Nesse momento, ainda tinha pouca noção de um desenho mais técnico, e trabalhava, exclusivamente,

com os conhecimentos adquiridos empiricamente. Além de tudo, gostava de explorar diferentes texturas e como elas poderiam dialogar com a figura principal.



Figura 05: Doença, insanidade e morte, a autora, 2017. Fonte: Acervo pessoal. Busto de figura de pele amarelada, cabelos nos ombros e marca vermelha do lado esquerdo do peito. A figura está na parte inferior da imagem, cruza os braços e tem os olhos fechados. Na parte superior da pintura, três cabeças flutuantes olham para baixo. As cabeças são feitas de linhas pretas pouco firmes e têm os olhos feitos de manchas pretas sem áreas brancas. O fundo da imagem é todo em tons de preto e cinza.

Doença, insanidade e morte” surgiu ao ler uma frase de Munch. Naquele momento, senti ter feito algo sobre um problema “real” e que não era apenas sobre mim. Passei bastante tempo acreditando que os autorretratos que fazia não eram arte. No ano de 2018, dentre inúmeras questões, o que mais me causava insegurança era a minha falta de conhecimento técnico; particularmente, no momento de pôr em prática aquilo que tinha em mente, e muito me frustrava ao ter a impressão de que só eu passava por aquelas dificuldades. Após esses primeiros embates internos, fui me adaptando, e as coisas melhoraram com o passar do ano; até que me encontrei em pintura. Felizmente, estava ficando cada vez mais feliz no ambiente universitário.



Figura 06: Sem título, a autora, 2018. Fonte: Acervo pessoal. Figura de cabelos na altura dos ombros, pele branca, vestindo camisa azul, feita de traços pretos, de perfil, voltada para a esquerda e em plano médio sobre fundo vermelho. Sobre o fundo vermelho, há a silhueta de várias mãos. Diante do rosto dela, ergue-se uma mão feita de tracejado preto sobre fundo branco. Essa mão é feita dos mesmos traços da figura que surge do lado direito da imagem, também de perfil, com olho sugerido por um círculo branco e boca por marcação vermelha em forma de meio sorriso.

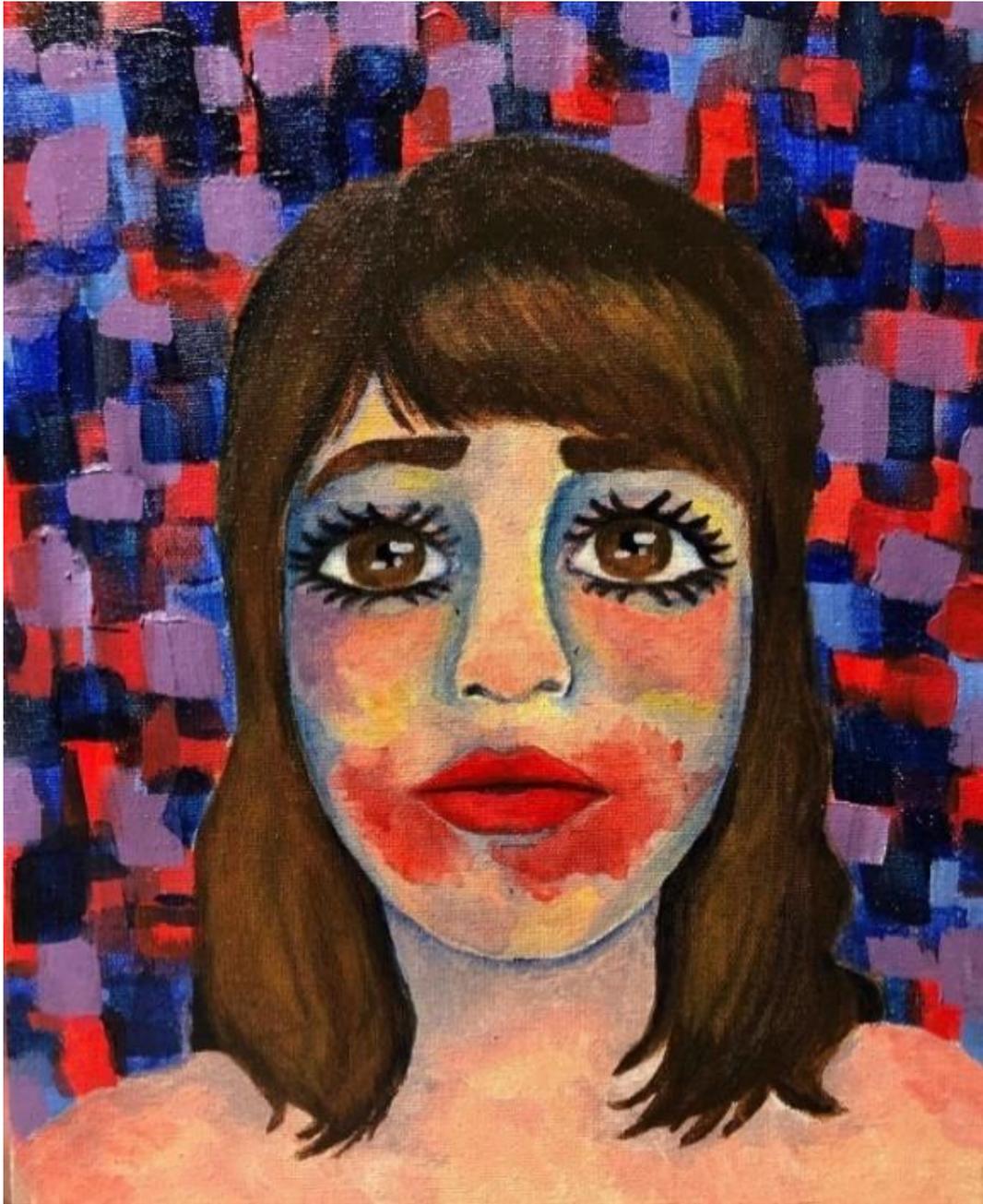


Figura 07: Sem título, a autora, 2019. Fonte: Acervo pessoal. Rosto de pessoa branca feito em aquarela, com cabelo castanho na altura dos ombros, olhos grandes, boca vermelha, com mancha vermelha que se espalha em torno da boca e fundo com grandes pinceladas de vermelho, azul e tons de roxo.

O ano inteiro foi um grande ponto de virada no amadurecimento da minha produção, adquiri novas referências e aprendizados e, desse momento em diante, tive coragem de experimentar dentro daquilo que me propunha a fazer. Ainda não havia conseguido me libertar

totalmente da linha dentro da pintura, mas, estava, lentamente, me direcionando para conseguir.

No início de 2019, eu acreditava que estava com um caminho bem definido dentro da minha produção. Tinha feito grandes avanços técnicos, e tinha certeza de que tinha resolvido a questão da poética. Entretanto, comecei a ter a sensação de que não estava evoluindo na maturidade das produções; e foi com essa incerteza do caminho que estava tomando que adentrei em um grande bloqueio criativo. Apesar de tudo, foi um momento extremamente enriquecedor para meu repertório artístico. Por conta das novas inseguranças com a “repetição”, me permiti explorar novos materiais, como guache e pastel oleoso, que, mesmo que fossem de fácil acesso anteriormente, nunca haviam despertado muito interesse em mim, pois procurava sempre me manter na zona de conforto que a aquarela representava.

Essa tela (Figura 07), marca um novo momento na minha produção, com maior conhecimento técnico dos materiais utilizados, e maior noção do que queria alcançar. Nesse momento, dediquei-me inteiramente à pintura, pois conseguia alcançar resultados que jamais havia imaginado. A pele foi trabalhada utilizando as cores primárias, para dar noção de luz e sombra, além de ter dado um efeito mais “orgânico” em suas manchas. Entretanto, no fundo, optei por pinceladas mais duras, quase que geométricas, o que cria um forte contraste entre figura e fundo. A expressão, contudo – por mais que tenha melhorado durante todo esse percurso – ainda se encontrava travada. Em diversos momentos, não conseguia materializar toda a expressividade que queria.

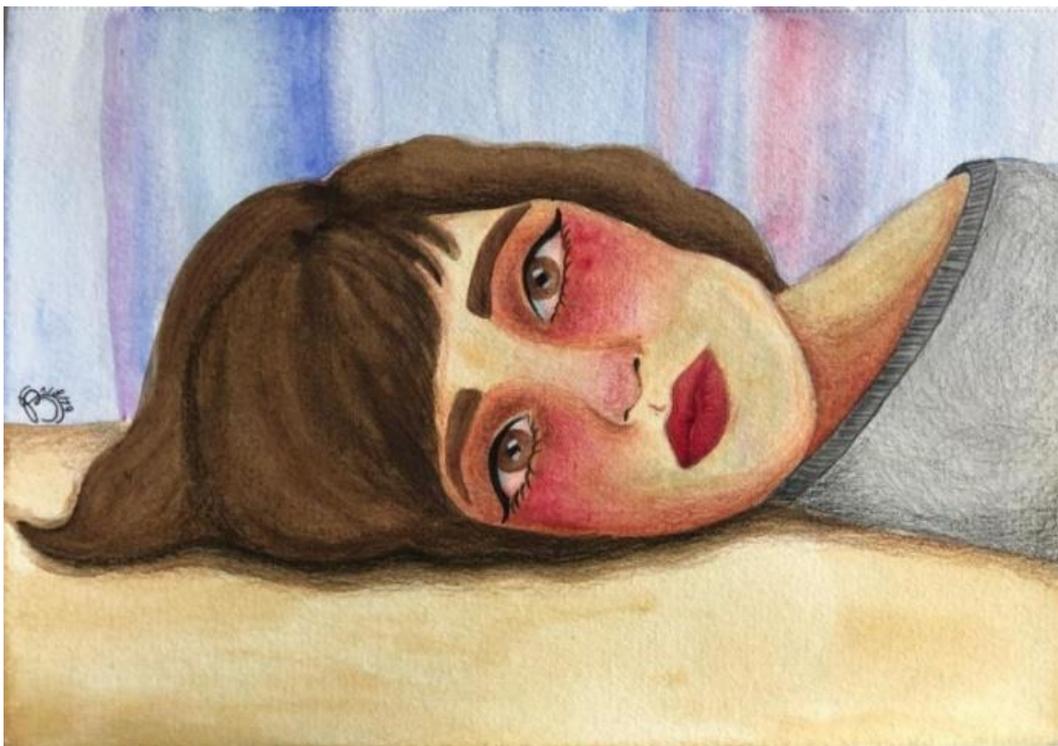


Figura 08: Sem título, a autora, 2019. Fonte: Acervo pessoal. Em aquarela, cabeça deitada sobre superfície marrom claro, com ombro coberto por camisa cinza do lado direito e cabeça castanho curto que se estende para o lado esquerdo. Os olhos são marcados por grandes manchas vermelhas e o fundo feito por linhas verticais aquareladas em tons de azul e roxo.

Estava, finalmente, livre da caneta nanquim para traçar contornos na hora de pintar com aquarela, porém, ainda me escorava na possibilidade de enfatizar linhas e sombras com o lápis de cor, como aparece nessa pintura (Figura 08). Aos poucos, ganhei autonomia com o material, para me fazer entender. Nessa aquarela, podemos perceber a verticalização das linhas no fundo, que contrastam com a composição horizontal; além dessas duas retas, na pintura, pode-se ver as marcas do lápis de cor, que funcionam quase como pinceladas e apresentam formas curvas, o que cria outro ponto de tensão em nossa visão.

Em 2020, comecei com um bom ritmo de trabalho. Na hora de pintar, era algo previamente pensado e sentia estar evoluindo, até que o isolamento social começou, mas, era necessário para manter a sanidade naqueles momentos de *lockdown*.



Figura 09: Todas as vezes que me encontrei por aí, a autora, 2020. Fonte: Acervo pessoal. Em aquarela, três cabeças com cabelos castanhos curtos, organizadas horizontalmente. Nos pontos em que as laterais das cabeças de tocam, elas parecem se mesclar em tons de rosa escuro.

Essa pintura foi meu caminho definitivo de volta para a aquarela. Compreendi como gostaria de utilizar a diluição da tinta, além da composição, da qual me orgulho bastante até hoje. Não é por acaso que os pontos de convergência são mais saturados, nem a cor utilizada, pois, nem sempre foi fácil me encontrar – confrontar – e esses momentos de autoconhecimento machucam. Não é fácil viver dentro de um cérebro ansioso e, por isso, os embates, muitas vezes violentos, dentro de mim.

Em 2021, comecei o ano mergulhada em experimentações. Explorei ao máximo os materiais que tinha em mãos, e dos quais tinha certa noção de sua instrumentalidade. Contudo, foi na aquarela que ganhei maior liberdade; passei a explorar diferentes formas de se trabalhar cor, lidando especialmente com uma menor saturação, além de brincar ainda mais com suas possibilidades de diluição.

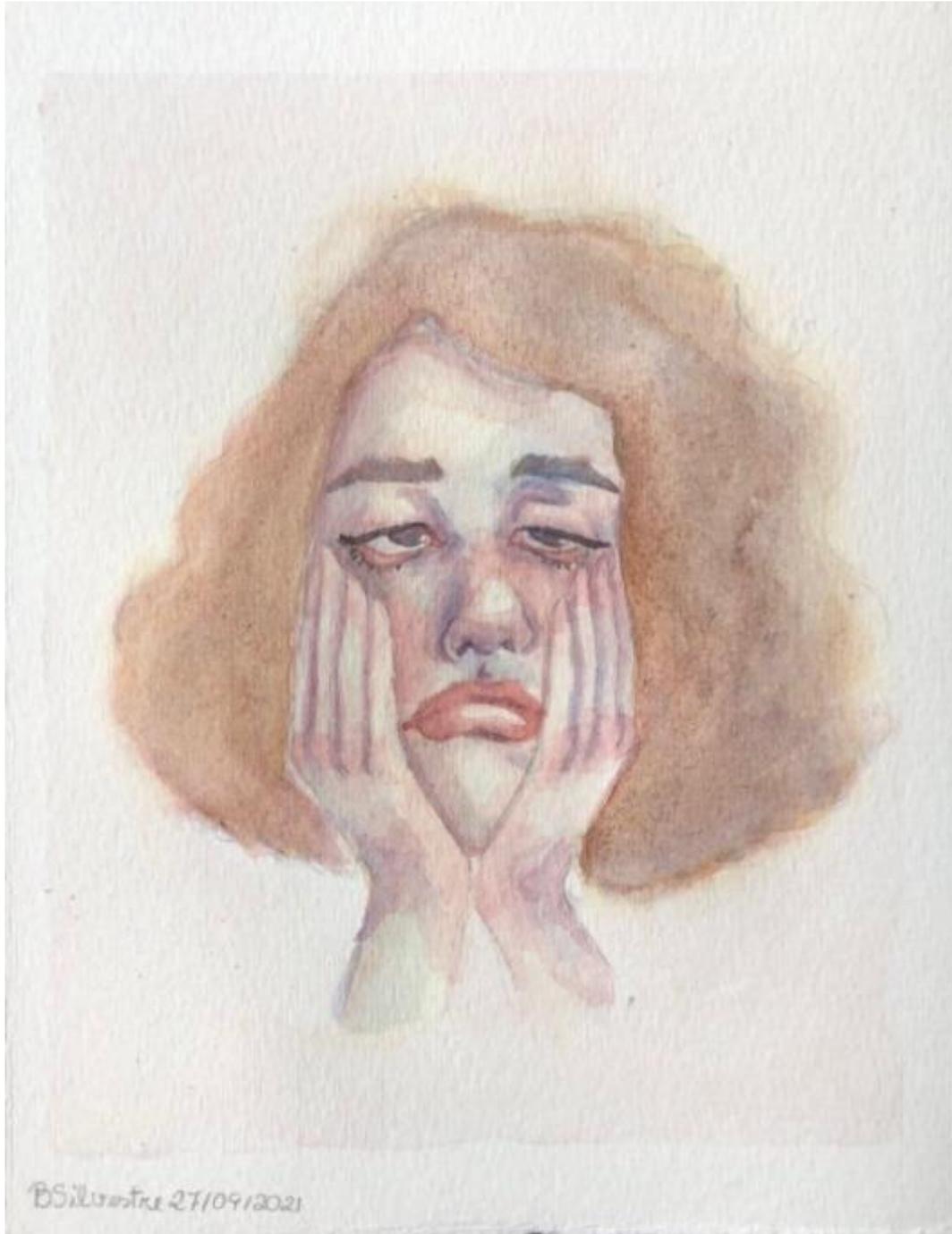


Figura 10: Chateação, a autora, 2021. Fonte: Acervo pessoal. Em aquarela, cabeça de pessoa branca com cabelo castanho volumoso, segurando o queixo e as laterais do rosto com as duas mãos. Os olhos, a boca e as sobrancelhas são muito marcados e curvam-se para os lados do rosto.

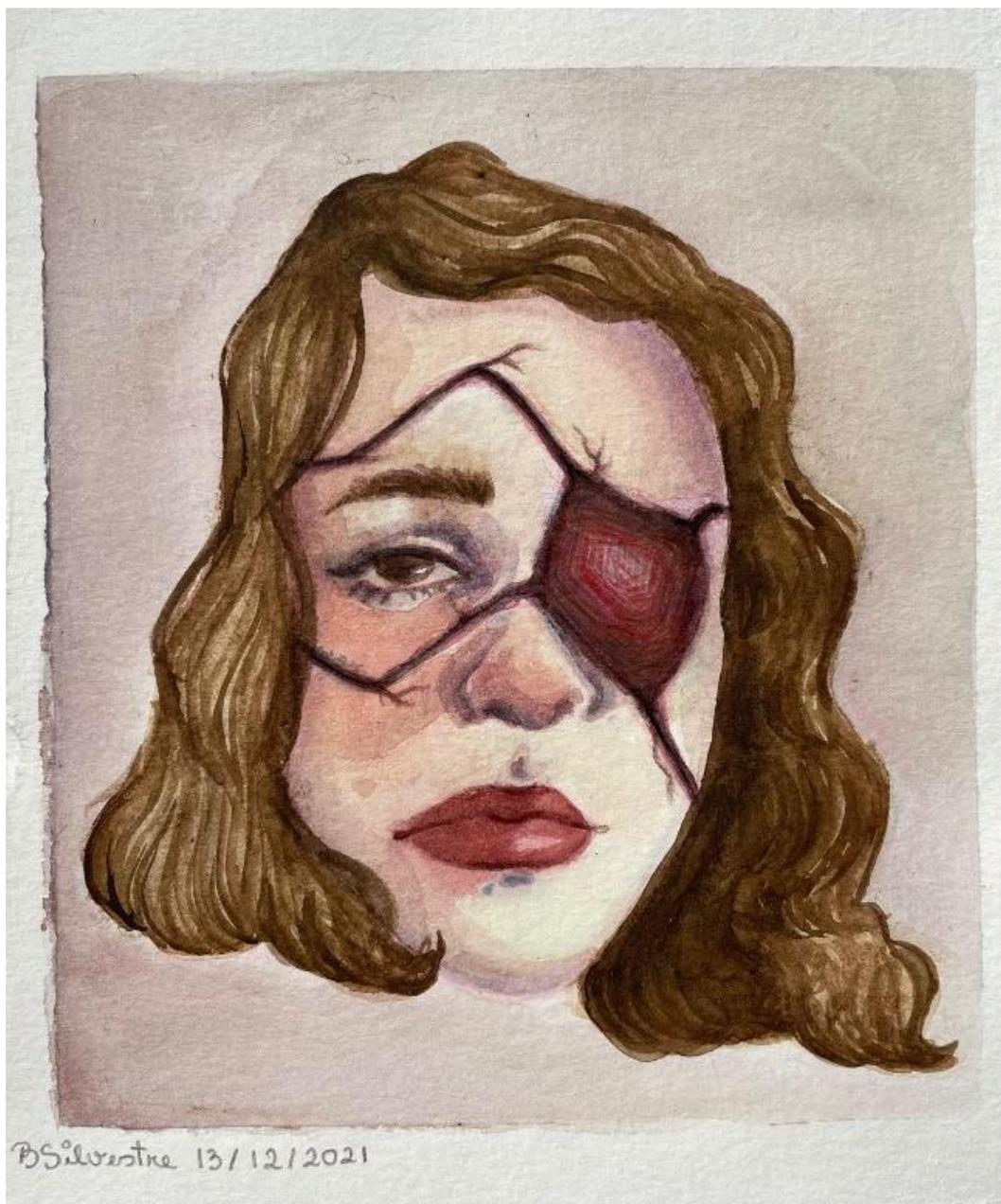


Figura 11: Me amariam mais se eu não fosse quebrada? a autora, 2021. Fonte: Acervo pessoal. Em aquarela, rosto de pessoa de cabelos castanhos na altura dos ombros, que não aparecem na imagem. Onde deveria estar o olho esquerdo da figura, há um espaço vazio, como um buraco vermelho, do qual saem duas linhas para a esquerda e a direita, como se fosse um tapa-olho.

Foi nessa obra (Figura 10) que percebi que eu “sabia” pintar. Consegui alcançar as cores que eu havia imaginado, além de uma diluição aceitável. Fazia muito tempo que não ficava propriamente feliz com algum trabalho, e esse foi um novo ponto de virada.

Essa aquarela (Figura 11) também surgiu de uma crise de ansiedade. A

pergunta que dá título martelava em minha cabeça de forma incessante, até o momento que a escrevi no papel. Foi uma pintura feita com paciência ao longo de dias, algo que, geralmente, não acontece, e o resultado me surpreendeu; a profundidade do rosto, as cores, a forma como o olhar foi representado, não parecia que eu tinha capacidade de realizar aquilo. Foi como se a obra fosse expelida de mim, mesmo com esse processo de criação mais tranquilo. Hoje, considero como um dos meus melhores trabalhos, tecnicamente falando, e acredito ser uma das obras mais expressivas que consegui realizar.

A partir da reflexão em cada obra, foi possível evidenciar a sua forte relação com a memória, trazendo, de forma prática, aquilo que Gusdorf (apud Hervot, 2013) falou sobre a memória ser uma forma de retrato do que somos. Com este estudo, pude observar meu processo criativo de certa distância, e, nesse momento, foi possível assimilar a maneira como tudo está tão intimamente ligado à memória, e como utilizo o autorretrato como uma reafirmação de mim. Como consequência de inúmeras questões, utilizei o desenho e a pintura como uma forma de “desabafo”, com a finalidade de tentar compreender experiências, medos e inseguranças. Jacinto (2013, p. 59) falou que “O pintor é despertado pelas coisas, no impulso que o leva ao ato de pintar”, e explicou, de forma objetiva, o sentimento que me movia a pintar: um impulso. A maneira que vinha trabalhando, durante o processo criativo, reverberou em inúmeros momentos da minha vida, pois, como tudo estava interligado com a memória, me permitiu encarar esses momentos sob uma nova perspectiva.

Referências

- ABREU, Simone Rocha de. Autorretrato: Inventando a si mesmo. **Anais**, 2011. Disponível em:
<http://anpap.org.br/anais/2011/pdf/chtca/simone_rocha_de_abreu.pdf>. Acesso em: 18 Outubro de 2021.
- BORTULUCCE, V. **O artista e o seu meio social**: considerações acerca da

pintura auto-retrato com cigarro de Edvard Munch. Encontro de História da Arte, Campinas, SP, n. 4, 2008, pp. 88. Acesso em: 10 mar. 2022.

CANTON, Kátia. **Auto retrato espelho de artista**, Tese de Livre Docência, Escola de Comunicações e Artes/ Universidade de São Paulo (ECA- USP), 2002

CANTON, Kátia. **Novíssima arte brasileira: um guia de tendências**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

FERRAZ, João. O Expressionismo, a Alemanha e a “Arte Degenerada”. **CADUS**. Revista de História, Política e Cultura, n. 1, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://colegiodearquitectos.com.br/wp-content/uploads/2017/03/23725-61310-1-SM.pdf>>. Acesso em: 22 Fev. 2022.

GOMPERTZ, Will. **Isso é arte?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

HERVOT, Brigitte Monique. Georges Gusdorf e a autobiografia. **Lettres Françaises**, n. 14, Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, 2013.

JACINTO, J. **Arder de mão**. repositorio.ul.pt, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/8940>> Acesso em: 04 Mar. 2022

JARDIM, Hiáscara Alves Pereira; IFES. A exteriorização da memória pessoal em Nazareth Pacheco. **Anais**, 2017. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S11/26encontro____JARDIM_Hi%C3%A1scara_Alves_Pereira.pdf>. Acesso em: 7 Mar. 2022.

JUNG, Carl Gustav. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 4º edição. 2011

MAIA, Denise Diniz. Vista do O retrato genial de Vincent van Gogh: **Self** - Revista do Instituto Junguiano de São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://self.ijusp.org.br/self/article/view/36/171>>. Acesso em: 23 Fev. 2022.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

RAMOS, José Artur. O Auto-Retrato como Consciência da Nossa Vida. **Philosophica: International Journal for the History of Philosophy**, v. 21, n. 42, p. 93-105, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24707/1/Artur%20Ramos%2093-105.pdf>>.

VAN GOGH, Vincent. **Cartas a Theo**. 1 ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

Recebido em: 22 de setembro de 2022.

Publicado em: 29 de dezembro de 2023.